



● A Guerra de Putin

EUA suspendem compra de petróleo russo e Europa planeja corte no gás

— Medidas aumentam pressão sobre preços dos combustíveis; Rússia ameaça cortar fornecimento de energia dos europeus e afirma que barril pode chegar a US\$ 300

WASHINGTON

O presidente americano, Joe Biden, suspendeu ontem a importação de petróleo, gás e carvão da Rússia. O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, prometeu fazer o mesmo até o fim do ano. Já a União Europeia não chegou a tanto, mas apresentou um plano para cortar as importações de gás da Rússia em dois terços. Moscou respondeu que pretende retaliar as medidas e ameaçou cortar o fornecimento de gás natural dos europeus.

Gargalo Três quintos das exportações de petróleo russas vão para a UE e apenas 8%, para os EUA

Biden assinou um decreto que proíbe a importação de petróleo bruto russo e derivados, como gás e carvão. Também veta investimentos dos EUA no setor de energia da Rússia ou em empresas estrangeiras que estão investindo no país. “Eu disse que seria honesto com o povo americano desde o início”, disse o presidente. “E, quando falei isso pela primeira vez, disse que defender a liberdade custa caro. E vai nos custar também para nós aqui nos EUA.”

Em comentários feitos antes de embarcar em uma via-

gem ao Texas, Biden prometeu fazer de tudo para minimizar o impacto da decisão sobre os preços da energia, mas não respondeu se os EUA tentariam importar petróleo de países já sob sanções, como Venezuela ou Irã.

RISCOS E PRESSÃO. A decisão de Biden aumenta a pressão econômica sobre o presidente russo, Vladimir Putin, mas vem carregada de riscos. A Rússia responde por apenas 7% do petróleo importado pelos americanos. Três quintos das exportações russas vão para a União Europeia e apenas 7%, para os EUA.

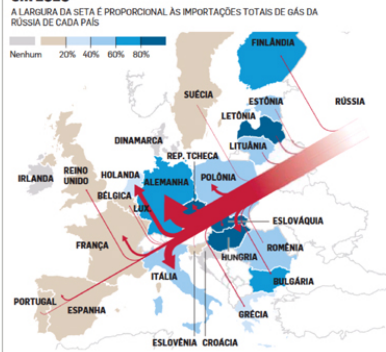
A medida também coloca mais pressão sobre o preço do petróleo e impacta nas bombas de combustível nos EUA. Os motoristas americanos já estavam pagando mais caro, mesmo antes do último aumento do barril do tipo Brent, acima de US\$ 130. Ontem, o preço médio do litro de gasolina chegou a US\$ 1,1 (R\$ 5,57), segundo a Associação Automobilística Americana (AAA).

Os preços do petróleo subiram 70% desde o início do ano e não há sinal de que cedam tão cedo. A consultoria Rystad Energy, com sede na Noruega, prevê que a proibição completa da compra de petróleo e do gás da Rússia poderia elevar os preços do produto para US\$ 200 o barril – o pico até hoje foi de US\$ 147 o barril, alcançado em 2008.

GÁS RUSSO NA EUROPA

Quais países europeus importam mais gás da Rússia

Porcentagem do gás natural importado da Rússia, em 2020*



*A ÁUSTRIA NÃO FORNECEU DADOS SOBRE SUAS IMPORTAÇÕES DE GÁS NATURAL DE 2020. DADOS INCLUEM A SOMA DAS IMPORTAÇÕES DE GÁS NATURAL ENCANADO E LIQUÍFEITO

FONTE: EUROSTAT E THE BRITISH DEPARTMENT FOR BUSINESS, ENERGY & INDUSTRIAL STRATEGY / INFOGRÁFICO: ESTADÃO/INT

A decisão de Biden traz também o risco de dividir a resposta até agora consistente e unificada das grandes potências ocidentais contra Putin. Embora o Reino Unido tenha prometido seguir os americanos de maneira gradual, até o final do ano, a UE preferiu uma posição mais cautelosa, já que ob-

tém 40% de seu gás e pouco mais de 25% de seu petróleo da Rússia.

RETALIÇÃO. A dependência deixa a Europa à mercê de uma retaliação da Rússia, que ontem ameaçou cortar o fornecimento de gás para os europeus e alertou para a provável

explosão dos preços dos combustíveis. “É claro que a rejeição do petróleo russo teria consequências catastróficas para o mercado global”, disse o vice-primeiro-ministro russo, Alexander Novak. “O aumento dos preços seria imprevisível. Seria de US\$ 300 por barril, se não mais.”

Segundo Novak, a UE levaria mais de um ano para substituir o volume de petróleo que recebe atualmente da Rússia. Além disso, segundo ele, os europeus teriam certamente de pagar preços muito mais pelo produto. A perda de uma parte tão grande da oferta de energia significaria um crescimento muito baixo e inflação mais alta.

ENERGIA RENOVÁVEL. Para reduzir o impacto, a UE anunciou um plano para diminuir o uso de gás pelo bloco em 30% até 2030. “Temos de nos tornar independentes do petróleo, carvão e gás russos. Simplesmente não podemos confiar em um fornecedor que nos ameaça explicitamente”, disse a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em comunicado.

O plano europeu também se insere nos esforços do bloco para cumprir as metas estabelecidas contra as mudanças climáticas. O objetivo da Europa é ampliar o consumo de energia a partir de outras fontes, sobretudo as renováveis. ● NYT, WP e REUTERS

Putin proíbe importar e exportar matéria-prima

MOSCÚ

O presidente russo, Vladimir Putin, foi rápido ao responder ao embargo ao petróleo e ao gás da Rússia. Ontem, ele assinou um decreto proibindo a importação e exportação de matérias-primas até o fim do ano. A decisão afetará alguns países, que serão conhecidos em dois dias, segundo o Kremlin. A lista de produtos cuja comercialização será proibida também será divulgada em breve.

Putin assinou o decreto horas depois do anúncio do presidente americano, Joe Biden, de proibir a importação de petróleo, gás e carvão da Rússia. Imediatamente após o anúncio da decisão do Kremlin, os preços do barril subiram – o tipo Brent, referência internacional, chegou a ser negociado acima de US\$ 130,50, antes de recuar. Na segunda-feira, ele chegou a US\$ 139.

Mas a decisão não deve afetar apenas o setor energético. A Rússia também é um grande

fornecedor de grãos e de metais, como alumínio, níquel e paládio, que responde por 40% da produção mundial. Uma eventual proibição das exportações poderia derrubar os mercados globais de commodities.

Ontem, a London Metal Exchange (LME) – Bolsa de metais do mundo – suspendeu a negociação de níquel depois que os preços mais que dobraram, ultrapassando US\$ 100 mil por tonelada métrica – uma alta histórica. Em dois dias, a cotação acumula alta de 250%. Segundo a LME, as negociações com níquel provavelmente ficarão suspensas até o dia 11. ● AP

CIA diz que Rússia perdeu entre 2 mil e 4 mil soldados

WASHINGTON

O diretor da CIA, William Burns, disse ontem aos congressistas americanos que a Rússia perdeu entre 2 mil e 4 mil soldados em quase duas semanas de invasão da Ucrânia. “Acho que Vladimir Putin está zangado e frustrado. Ele provavelmente dobrará a aposta nos próximos dias e tentará esmagar os militares ucranianos sem levar em consideração as baixas civis”, afirmou Burns

em depoimento à Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.

Já o Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia afirmou ontem que pelo menos 12 mil russos foram mortos nas operações militares até o momento. O governo ucraniano também declarou que abateu 48 aeronaves da Rússia, 80 helicópteros, destruiu 303 tanques, 1.036 veículos armados, 120 peças de artilharia e 27 sistemas de defesa antiaérea. ● REUTERS



Custos são graves, não catastróficos

— Enquanto impacto no setor de energia deve ser limitado, alta dos alimentos preocupa

ARTIGO

Paul Krugman

Colunista do 'NYT', é professor do City University of New York e ganhou o Prêmio Nobel de Economia em 2008

Quando Vladimir Putin invadiu a Ucrânia, acho justo afirmar que a maioria dos observadores esperava que ele se sairia bem. Em vez disso, aqui estamos, quase duas semanas depois, com Kiev e Kharkiv ainda resistindo, e as forças invasoras retidas por uma feroz resistência ucraniana – auxiliada pela rápida injeção de armas do Ocidente – e desastrosos problemas logísticos. Ao mesmo tempo, as sanções do Ocidente contra a economia russa claramente já surtem efeitos severos, que podem piorar.

Obviamente, tudo pode mudar. Por agora, contudo, Putin está encarando consequências bem piores do que poderia ter imaginado. Infelizmente, afrentar uma agressão não sai de graça. Os eventos na Ucrânia e na Rússia devem impor, em particular, custos severos à economia mundial. A questão é: quão severos?

Minha resposta preliminar é que serão custos graves, mas não catastróficos. Especificamente, o choque de Putin não parece tão grave quanto os choques do petróleo que abalaram o mundo nos anos 70.

Como naquela época, o golpe na economia mundial ocorre nos preços de commodities. A Rússia é uma grande exportadora de petróleo e gás natural; tanto a Rússia quanto a Ucrâ-

nia são – ou eram – grandes exportadores de trigo. Então, a guerra está surtindo grande impacto nos preços tanto da energia quanto dos alimentos.

PETRÓLEO. Começamos pela energia. Até agora, as sanções aplicadas pela Europa manifestamente não se aplicam às exportações de petróleo e gás natural do país. Os EUA estão banindo importações de petróleo da Rússia, mas isso não importa tanto, já que os EUA podem comprar e a Rússia pode vender em outros mercados.

Os mercados, porém, estão reagindo como se diante da interrupção no fornecimento, seja por futuras sanções ou em razão de empresas globais de energia, temendo reações negativas do público, “autocensurarem” suas compras de petróleo russo. De fato, a Shell, que outro dia comprou petróleo russo a preço baixo, desculpou-se pela compra e afirmou que isso não vai se repetir.

Como resultado, o preço real do petróleo, ajustado pela inflação, saltou quase para o nível que alcançou durante a Revolução Iraniana, em 1979.

Para ser sincero, estou um pouco intrigado pelo tamanho dessa alta de preço. Sim, a Rússia é uma grande produtora de petróleo. Mas sua produção re-



Militar ucraniano diante de destroços de bombardeiro russo em Kiev

presenta apenas cerca de 11% da produção mundial, enquanto produtores do Golfo Pérsico extraem um terço do petróleo consumido no mundo nos anos 70.

E a Rússia, provavelmente, encontrará maneiras de vender uma significativa fração de sua produção de petróleo, apesar das sanções do Ocidente. Além disso, a economia mundial é atualmente muito menos dependente de petróleo do que costumava ser. O índice de “intensidade” petrolífera – o número de barris de petróleo consumidos em relação a cada dólar do PIB – é hoje metade do que era nos anos 70.

E o que dizer do gás natural? A Europa depende da Rússia para grande parte de seu fornecimento. Mas o consumo de gás é sazonal. Então, o impacto de uma interrupção da Rússia não será tão forte até o fim do ano, o que dá a Europa tempo para adotar medidas que a deixem menos vulnerável.

De maneira geral, então, a crise energética fabricada por Putin será severa, mas provavel-

mente não será catastrófica. Minha maior preocupação, em relação aos EUA, pelo menos, é política.

Seria difícil pensar que os republicanos poderiam, simultaneamente, exigir que parássemos de comprar petróleo russo e atacar o presidente Joe Biden em razão dos altos preços da gasolina. Quer dizer, seria difícil para alguém que tivesse passado os últimos 25 anos em uma caverna. Na verdade, é exatamente isso que vai acontecer.

TRIGO. Política à parte, os alimentos podem ser na verdade um problema maior do que energia. Antes da guerra de Putin, a Rússia e a Ucrânia juntas eram responsáveis por mais de um quarto das exportações mundiais de trigo. Agora, a Rússia está sob sanções, e a Ucrânia é uma zona de guerra. Não surpreendentemente, os preços do trigo saltaram de menos de US\$ 8 o bushel (unidade de medida usada nos EUA), antes da Rússia começar a concentrar suas tropas em torno da Ucrânia, para aproximadamen-

te US\$ 13 hoje.

Em regiões ricas, como América do Norte e Europa, esse aumento será doloroso, mas, em grande parte, tolerável, simplesmente porque consumidores de países avançados gastam uma porcentagem relativamente baixa de seus ganhos em comida. Para países mais pobres, onde gastos com alimentação representam uma grande fração dos orçamentos familiares, o choque será muito mais severo.

Finalmente, que impacto a guerra na Ucrânia surtirá sobre a política econômica? A alta nos preços do petróleo e dos alimentos elevarão o índice de inflação, que já está incomodamente alto. Será que o Federal Reserve (Banco Central americano) responderá elevando as taxas de juros, prejudicando o crescimento?

Provavelmente, não. Faz tempo que o foco do Fed deixou de ser a inflação “global”, passando para a inflação “central”, que exclui os voláteis preços dos alimentos e da energia – um foco que fez sentido no passado. Então, o choque de Putin é exatamente o tipo de evento que o Fed normalmente ignoraria. E, ao que tudo indica, os investidores parecem acreditar que o Fed fará exatamente isso: as expectativas do mercado a respeito da política do Fed para os próximos meses parecem não ter mudado.

De maneira geral, o choque russo na economia mundial será desagradável, mas provavelmente não tão desagradável assim. Se Putin imagina que pode manter o mundo refém, isso é provavelmente outro erro de cálculo fatal. ● TRADUÇÃO DE AGUSTO CALIL

Após negociação com EUA, Venezuela liberta 2 americanos

CARACAS

O governo da Venezuela libertou ontem dois americanos presos. A informação foi confirmada por autoridades dos EUA e defensores de direitos humanos venezuelanos. A libertação, que ocorreu após uma negociação entre os dois países, marca um ponto de virada no relacionamento do governo de Joe Biden com o mais fiel aliado da Rússia na região.

Os libertados são Gustavo Cárdenas, executivo da filial americana da petrolífera venezuelana PDVSA, detido em 2017, e Jorge Alberto Fernández, empresário americano acusado de terrorismo por levar um drone para a Venezuela, em fevereiro de 2021.

A libertação ocorreu após uma rara viagem de uma delegação dos EUA à Venezuela, no fim de semana, que se encontrou com o presidente Nicolás Maduro. A visita seria

parte de uma agenda mais ampla de Biden em países autocráticos que podem estar repletos de seus laços com o presidente russo, Vladimir Putin, após a invasão da Ucrânia.

As negociações com a Venezuela, que tem enormes reservas de petróleo, ganharam urgência depois que Biden anunciou a proibição das importações de petróleo e gás da Rússia. Espera-se que um acordo aumente a disponibilidade de petróleo bruto no mercado

global e possa segurar os preços da energia, no momento em que a inflação sobe em vários países.

ACORDO. Autoridades americanas, no entanto, disseram que a libertação não faz parte de um acordo com a Venezuela para retomar as vendas de petróleo para os EUA, proibidas pelo governo de Donald Trump. Durante as últimas semanas, empresários americanos tiveram discussões sobre a retomada do comércio entre os dois países.

Alguns congressistas têm criticado as tentativas de reatar os laços com a Venezuela, dizendo que os esforços para isolar Putin não devem ocorrer

em troca do apoio a líderes autoritários. Especialistas também apontam dificuldades práticas. Os campos de petróleo venezuelanos sofrem com a má administração. “Quando

Sucateamento

Para analistas, mesmo que queira, a Venezuela pode levar anos para recuperar sua capacidade produtiva

voce tem um período prolongado de baixos investimentos, não pode simplesmente apertar um botão e trazer o petróleo de volta da noite para o dia”, disse Saul Kavonic, analista do Credit Suisse. ● REUTERS



Boicote deve provocar inflação e acelerar mudanças na matriz energética europeia

Volume de petróleo russo comprado pelos EUA é pequeno, mas recuperação da economia pós-covid deve ser afetada

RENÉE PEREIRA
LUCIANA DYNIEWICZ

O impacto global da suspensão da importação do petróleo russo vai depender ainda do tempo que perdurar a decisão dos EUA e do Reino Unido e da adesão de outros países à medida. Por enquanto, é certo que a tendência de alta no preço do petróleo seguirá – provocando inflação e segurando a recuperação da economia pós-covid – e a matriz energética do mundo, principalmente da União Europeia, se transformará.

A Rússia hoje exporta pouco menos de 10% do petróleo consumido globalmente. O corte dos EUA deve corresponder a aproximadamente 7% das vendas internacionais russas. É um volume considerado pequeno, que poderia ser enviado a outro mercado, como a China, e substituído pelo Irã. O problema é que mudar o destino do petróleo não é simples e depende, por exemplo, da adaptação de refinarias – e uma alteração como essa levaria meses. Portanto, não há como evitar a alta na cotação do barril, que pode “perfeitamente” chegar a US\$ 200, diz Ruy Alves, diretor da Kinea Investimentos.

“Nada é fácil com o petróleo. É difícil mandar da noite para o dia para outro país. Cada petróleo tem uma densidade diferente”, afirma Alves. Ele acrescenta que uma pequena queda na produção (ou a retirada de



Soldados ucranianos ajudam idosa a cruzar ponte destruída durante retirada da cidade de Irpin

parte da oferta russa do mercado) pode gerar um aumento “exponencial” no preço, pois é difícil reduzir a procura pelo produto na mesma proporção. “A cotação tem de ser extremamente alta para cortar a demanda. É muito difícil fazer as pessoas pararem de sair de carro ou não viajarem de avião.”

INFLAÇÃO. Para Walter de Vito, da Tendências Consultoria, enquanto a proibição de importação do petróleo russo se restringir a EUA e Reino Unido, a inflação global pode até ser controlada. “Ela terá de ser abatida com aumento de juros e redução de gastos de governos, tudo para segurar a economia e o consumo de petróleo. Mas, se toda a exportação de petróleo da Rússia for cortada, será uma hecatombe.” Nesse caso, não teria como repor o produto, diz Vito. “Aí você pode imaginar o barril a US\$ 300 ou mais.”

O economista não descarta o risco de o mundo viver um cenário semelhante ao dos anos 70, quando os choques de petróleo provocaram uma estagnação. Por enquanto, vê um impacto maior nos preços do que na atividade – hoje, a Tendências projeta que o PIB global avançará 3,8% no ano.

Vitto afirma ainda que, também como ocorreu em choques anteriores de petróleo, é provável que mudanças no setor energético ganhem tração. Nos anos 70, por exemplo, o Brasil começou a desenvolver o etanol para evitar o preço dos derivados do petróleo. Agora, é provável que as energias solar e eólica saiam fortalecidas.

O professor Helder Queiroz, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que o mundo vai entrar em uma era em que a geopolítica da energia vai mudar, sobretudo na Euro-

pa. O continente será obrigado a pensar alternativas para diminuir a dependência dos combustíveis russos, e isso vai alterar os fluxos energéticos mundo afora. Se houver um aumento da demanda de GNL (gás natural liquefeito), por exemplo, os preços vão subir para todos, incluindo no Brasil, que usa o gás em termoelétricas.

Para o sócio-diretor da consultoria Roland Berger George Almeida, a guerra altera também as prioridades. Até o início do conflito, o foco dos governos e das empresas era a mudança climática e a sustentabilidade. Agora, será segurança energética e preço, diz Almeida. Ele lembra que, para reverter a dependência da Rússia, a Europa já iniciou discussões para aumentar a vida útil das usinas nucleares e reativar unidades a carvão.

Tudo isso tem prós e con-

Coca, Pepsi, Starbucks e McDonald's encerram negócios na Rússia

Quatro gigantes do setor de alimentos dos EUA decidiram suspender seus negócios na Rússia. A Coca-cola disse que suspendeu suas operações no país. O McDonald's fechará seus 850 restaurantes. A direção do Starbucks afirmou que interrompeu o envio de todos os produtos ligados à marca. A Pepsi afirmou que continuará vendendo produtos essenciais, como leite, fórmulas e alimentos infantis, mas suspendeu o comércio de refrigerantes. ●/AP

tras, diz Almeida. Algumas medidas da transição energética serão aceleradas, como a mobilidade elétrica e o desenvolvimento do hidrogênio, ao mesmo tempo que outras fontes mais sujas são reativadas. “Será uma transição acelerada, mas dando passos para trás.”

DEPENDÊNCIA. Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), é mais pessimista em relação ao avanço da transição energética. Ele avalia que a Europa errou na estratégia de ficar dependente de um único país e de apostar apenas em energias renováveis, que variam conforme as condições da natureza para produzir. Muitos países europeus não têm condições de ficar sem o combustível russo. “Não se pode ter dependência tão grande de um país que sempre teve um histórico como a Rússia.” ●

Impacto do veto no preço de fretes e da gasolina deve ser duradouro

CENÁRIO

Jeff Stein, Tyler Pager e Anna Phillips
The Washington Post

A decisão dos EUA e da União Europeia de boicotar a compra de petróleo e gás da Rússia terá consequências graves e de longo prazo na economia global. A Rússia produz cerca de 10% do petró-

leo do planeta. Especialistas no setor de energia acreditam que enquanto o impacto no preço do petróleo será imediato, possíveis medidas de mitigação já em estudo pela Casa Branca podem levar meses até serem sentidas na economia real.

“Haverá uma recessão global”, diz Bob McNally, presidente da Rapidan Energy Group e ex-assessor do ex-presidente George W. Bush. “Não há outra saída quando banirmos o petróleo russo. O

aumento dos preços seria arrasador, não vejo saída.”

Os EUA compram 7% de seu petróleo da Rússia. Já na UE, em cada quatro barris consumidos no bloco vem de Moscou. Os principais clientes da Rússia fora do bloco são a China e os países asiáticos.

A primeira consequência imediata do boicote é o aumento do barril, que nesta semana, chegou perto dos US\$ 140. Com isso, o preço da gasolina nas bombas disparou.

Nos EUA, o combustível saiu de US\$ 3,62 o galão para US\$ 4,17 em um mês, um aumento de 15%. Um ano atrás, a gasolina custava US\$ 2,77 o galão, e as estimativas para as próximas semanas chegam a US\$ 5.

O preço da gasolina tem impacto direto em diversos setores. O mais importante deles é o preço do frete, principalmente em produtos entregues por caminhões.

O turismo também sofre um impacto importante. Com as passagens mais caras, viaja-se menos de avião, e até mesmo as viagens de carro ficam mais curtas, em virtude do preço do tanque.

Apesar disso, a Casa Branca

trabalha com medidas para mitigar o impacto da provável alta do petróleo que deve seguir ao veto.

Aumento de preço
Nos EUA, o combustível saiu de US\$ 3,62 o galão para US\$ 4,17, um aumento de 15%

O governo pretende também tomar algumas medidas domésticas para aliviar a alta nos preços. Elas incluem usar a reserva estratégica de petróleo do país, cortar impostos sobre combustível e ampliar o uso de energia limpa. ●/W.P.O.S.T



Indústria petrolífera da Rússia tem futuro difícil, mas é capaz de se adaptar

Setor tem mão de obra local abundante, mas mudança é inevitável; petróleo russo começa a ser vendido com grandes descontos

ANÁLISE

STANLEY REED
THE NEW YORK TIMES

Uma semana depois que um grupo de executivos ocidentais da Exxon Mobil, BP, Shell e outras empresas petrolíferas denunciou o ataque violento da Rússia na Ucrânia e prometeu se retirar dos empreendimentos russos, os indícios são de que a turbulência para o setor de energia da Rússia apenas começou.

Para as companhias petrolíferas, três décadas de investimentos cuidadosos no que sempre foi um ambiente político difícil estão prestes a ir rapidamente por água abaixo. Mas o ponto alto do envolvimento das empresas ocidentais na Rússia ficou para trás há alguns anos, impulsionado em parte pela indignação com a anexação da Crimeia por Moscou, em 2014.

A indústria petrolífera russa, provavelmente, passará por uma profunda reformulação sobre como fazer negócios nas próximas semanas, meses e até anos. No curto prazo, o acerto de contas virá não porque as maiores companhias petrolíferas estão saindo do país, mas porque o petróleo e o gás russos, de repente, se torna-

ram nocivos a compradores.

Ontem, o presidente Joe Biden anunciou a proibição das importações de petróleo russo para os EUA, medida que visa punir ainda mais a Rússia economicamente. No mesmo dia, a Shell, a maior empresa petrolífera da Europa, disse que deixaria de comprar petróleo e gás do país e "retiraria seu envolvimento em todos os hidrocarbonetos russos".

Até a invasão, o petróleo russo era um combustível importante na Europa e em outros mercados, incluindo os EUA, onde representava cerca de 7% das importações. Agora, o petróleo russo está sendo vendido com grandes descontos em relação ao petróleo de referência internacional ou não está sendo vendido. Além dos EUA, outros países estão considerando a possibilidade de impor embargos às importações de energia russa.

DESAFIO. A questão que a indústria russa enfrenta imediatamente é se deve desacelerar a produção. A Rússia produz cerca de 10% do suprimento mundial de petróleo. "Não há razão para produzir mais petróleo se você não pode vendê-lo", disse Tatiana Mitrova, especialista e pesquisadora do Columbia Center on Global Energy Studies.

As empresas russas estariam negociando com novos compradores na Ásia e em outras regiões onde a reação contra a invasão na Ucrânia é menos pronunciada. Mitrova acrescentou que, com o tempo, "haverá uma orientação massiva dos fluxos de petróleo e gás

dos mercados europeus, em primeiro lugar para a China". Com isso, a Rússia vai acelerar a expansão dos oleodutos e gasodutos existentes para o gigante asiático.

No longo prazo, o futuro da indústria russa, que financia grande parte do orçamento do governo, ficou nebuloso. A China, por exemplo, é uma negociadora difícil que paga apenas uma fração do preço do gás natural russo que os clientes de países europeus ricos, como Alemanha e Itália, pagam hoje.

Desafio para o Kremlin
No longo prazo, o futuro da indústria russa, que financia grande parte do governo, ficou nebuloso

Além disso, a produção dos vastos campos de petróleo da Sibéria Ocidental e de outras operações mais antigas que sustentaram por décadas a Rússia como um líder mundial da produção de petróleo está em declínio. Já os novos campos desenvolvidos ao redor do Ártico são "notáveis por suas duras condições operacionais e custos mais altos", cita um estudo recente da Energy Aspects, empresa de pesquisa no ramo energético.

No passado, as empresas ocidentais assumiram projetos complexos, como perfuração offshore e desenvolvimento de gás natural liquefeito (GNL). Os concorrentes russos ficaram com empreendimentos mais simples. Por isso, de onde virá o capital e o conhecimento para os projetos

atuais está em aberto. O mais importante desses desenvolvimentos, Vostok, que se espalharia por uma vasta região do norte, "poderia ser interrompido à medida que as sanções dos EUA e da União Europeia colocam uma pressão crescente sobre a indústria russa", diz o estudo.

BOICOTE. A Vostok, que aglutina um grupo de projetos na área do petróleo, pode ser a esperança da Rússia para os próximos anos. Especialistas dizem que a indústria russa, provavelmente, pode continuar indo bem por algum tempo, mesmo depois que as grandes empresas venderem ou se desfizerem de seus investimentos.

A saída de centenas de especialistas e técnicos da Rússia, com a retirada de empresas ocidentais, terá impacto no país e a indústria pode ter problemas para encontrar soluções de alta tecnologia, mas os empreendimentos envolvendo empresas ocidentais respondem por apenas 15% da produção de petróleo russo, calcula a especialista Tatiana Mitrova.

A Rússia tem uma grande indústria de petróleo e gás com pessoal treinado que pode operar a maioria das instalações, dizem analistas. "É muito fácil encontrar técnicos russos para trabalhar nesses projetos", disse Serkan Sahin, analista que acompanha o petróleo russo na Energy Aspects.

DEBANDADA. Bem antes da invasão da Ucrânia, as empresas ocidentais deixaram de ver a Rússia como uma parte crucial de seu futuro. Em 2018, a Exxon Mobil foi forçada a desistir de seu empreendimento mais promissor na Rússia, no Ártico, por causa de sanções impostas depois que o país liderado por Vladimir Putin anexou a Crimeia.

Na semana passada, a Exxon anunciou que encerraria seu envolvimento em um projeto de petróleo e gás de 75 anos na Ilha de Sacalina, no extremo

oriental russo. A Shell também está em Sacalina, onde é acionista minoritária em um empreendimento de gás natural liquefeito, e também disse que sairia do investimento.

Além delas, a BP também está saindo lentamente da Rússia. Em 2013, ela desistiu de um empreendimento conjunto chamado TNK-BP, que havia firmado com um grupo de empresários russos dez anos antes. A sua participação foi vendida para a Rosneft por US\$ 12,5 bilhões em dinheiro e 20% das ações no grupo.

A exceção gritante é a empresa francesa Total Energies, que continuou a investir em projetos de gás natural liquefeito no Ártico russo do grupo. A exceção gritante é a empresa francesa Total Energies, que continuou a investir em projetos de gás natural liquefeito no Ártico russo do grupo. A exceção gritante é a empresa francesa Total Energies, que continuou a investir em projetos de gás natural liquefeito no Ártico russo do grupo.

A companhia disse recentemente que não investiria em novos projetos na Rússia, mas parece estar se aprofundando nos empreendimentos de GNL – um dos quais não deve começar a produzir até 2023.

ENCRUZILHADA. Claro que ainda há a questão de saber se as companhias petrolíferas vão realmente sair. Elas ainda não venderam nada, e se Putin decidir parar a guerra e for redimido, elas podem ser persuadidas a mudar de ideia.

Por outro lado, há poucas razões para pensar que eles fariam anúncios que envolvem bilhões de dólares em investimentos sem considerar cuidadosamente as consequências. Putin e seus aliados acompanham de perto a indústria do petróleo e dificilmente verão com bons olhos empresas e executivos que o abandonaram em um de seus momentos mais difíceis. ●/TRADUÇÃO DE LUIZ HENRIQUE DA SILVA GOMES

É CORRESPONDENTE DO 'NYT' EM LONDRES. ESPECIALISTA EM ENERGIA E MEIO AMBIENTE

ONU diz que refugiados chegam a 2 milhões

GENEBRÁ

Mais de 2 milhões de pessoas fugiram da guerra na Ucrânia desde o início da invasão russa, no dia 24, segundo a ONU. Entre esses refugiados estão 1 milhão de crianças. A quantidade de pessoas fugindo dos conflitos continua aumentando. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) estima que o número chegue a 4 milhões. Essa já é a crise de refugiados de crescimento mais rápido na Europa desde a 2.ª Guerra.

O alto comissário para os refugiados, o italiano Filippo Grandi, visitou ontem Romênia, Moldávia e Polónia, três países de fronteira com a Ucrânia, que recebem refugiados ucranianos.

IMIGRAÇÃO. Ataques russos indiscriminados deixaram muitos ucranianos sem energia elétrica e sem condição de deixar suas casas para fugir do país. Mas, pela primeira vez, entre segunda-feira e ontem, o corredor humanitário parece ter sido respeitado a ponto de permitir que centenas de



Ucranianos aguardam em posto de passagem na entrada da Polónia

pessoas escapassem dos conflitos.

A Polónia, principal destino imediato, recebeu mais da me-

tade dos que fugiram da Ucrânia, cerca de 1,2 milhão de pessoas. Antes da crise, 1,5 milhão de ucranianos já moravam na

Polónia, a maioria para trabalhar no país, que é membro da União Europeia.

A Hungria recebeu 191.348 refugiados, pouco menos de 10% do total. Um total de 140.745 moradores da Ucrânia fugiram para a Eslováquia por causa da guerra, 12.576 entre segunda e ontem. Um total de 82.762 refugiados está na Moldávia, um pequeno país de 2,6 milhões de habitantes, segundo o Acnur – muitos refugiados que chegam ao país, um dos mais pobres da Europa, continuam a viagem para a Romênia ou Hungria. ● NYT e AFP

